

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
27 de Setembro de 2023  
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA

## THE WAR LORD / 1966 O Senhor da Guerra

*Um filme de Franklin J. Schaffner*

*Argumento:* John Collier e Millard Kaufmann, baseado na peça "The Lovers", de Leslie Stevens / *Diretor de fotografia* (35 mm, Panavision, Technicolor): Russell Metty / *Cenários:* John KcCarthy, Oliver Emert / *Figurinos:* Vittorio Nino Novarese / *Música:* Jerome Morross / *Montagem:* Folmar Blanford / *Som:* Waldon O. Watson / *Interpretação:* Charlton Heston (*Chrysagon*), Richard Boone (*Bors*), Rosemary Forstyth (*Bronwyn*), Maurice Evans (*o padre*), Guy Stockwell (*Draco*), Niall MacGinmnis (*Odin*) e outros

*Produção:* Universal / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia mundial:* Detroit, 10 de Novembro de 1965 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Éden e Alvalade), 6 de Outubro de 1967 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**AVISO: devido à chegada tardia da cópia não foi possível elaborar a "folha" de sala. Em substituição propomos um artigo não assinado, publicado em *Cineforum* nº 53. Março de 1966. Pelos eventuais transtornos, aa nossas desculpas.**

\*\*\*\*\*

Um filme de aventuras medievais, ambientado no século XI, que tem bastante interesse. O ambiente é o de sempre neste tipo de filmes, com assédios em que são utilizadas catapultas e torres móveis, caçadas com falcões, combates até à última gota de sangue, guerreiros ferozes que assaltam castelos e assim por diante. Mas um tema "perturbador" insere-se neste esquema arqui-conhecido, de modo a tornar o argumento mais adulto e a aventura mais significativa: a noção, nos espíritos mais avançados da época, de que certas leis e certos costumes são estreitos e atrasados, inclusive a consciência, por parte de alguns, de a que ponto eram obscurantistas certos aspectos da época em que viveram.

Quem se apercebe desta situação e sofre com ela é Chrysagon, o príncipe guerreiro, que depois de ter servido com a sua espada o Duque da Normandia é enviado pelo seu senhor para governar um feudo numa região pantanosa da Normandia, cuja população celta, com os seus costumes arraigados e os piratas frísios, que ali fazem incursões regulares, tornam difícil que a vida seja pacífica, operosa e construtiva. Neste contexto, não faltam as rebeliões do irmão mais novo de Chrysagon, farto de ser subordinado, nem o filho criança do chefe dos frísios, feito refém pelos normandos, nem o vassalo celta que tenta assassinar o feudatário, nem o contraste entre este último e o longínquo duque, mas o material mais vivo é dado por outro motivo: o do espírito nobre que deviam ter as vítimas à época, o que lhes impõe um comportamento que, por um lado, é cómodo, mas por outro é marcado pela degradação.

Tirado de uma comédia de Leslie Stevens intitulada **The Lovers**, realizada por Franklin Schaffner, vindo da televisão e que se estreou no cinema com **The Best Man**, o filme exemplifica a situação, centrando-a sobre o *jus primus noctis* (o direito à primeira noite) de que se vale Chrysagon no seu confronto com uma bela vassala. Apaixonado pela mulher, o senhor feudal é combatido por usar um meio que lhe é reconhecido por todas as partes em causa, o *droit du seigneur*, que lhe permite satisfazer os seus desejos, assim como o respeito e a atração sincera que sente pela jovem. Ele acabará por fazer valer o seu direito e a comportar-se como todos esperam que se comporte, como um

homem do seu tempo e da sua posição. Mais tarde, porém, ele se revoltará contra os costumes, recusando-se a considerar que o episódio foi concluído e guardando para si a mulher, considerada doravante como “a sua mulher” e não como um motivo de afirmação do seu poder. Isto causa grande escândalo entre aqueles que pertencem à sua classe social, em particular o seu irmão, que denuncia este comportamento (e outros também: o facto de Chrysagon não participar de certas manifestações alegremente bárbaras dos “senhores”, por exemplo), como uma traição no que refere o sangue e o direito.

Por conseguinte, a relação entre o guerreiro e a sua súdita não é uma mera pequena história de amor, mas catalisa toda uma mentalidade, ou melhor, o choque de duas mentalidades: a do protagonista, que é aberta e a do seu irmão, verdadeira criatura da Idade Média, que é perfeitamente “integrada”. Talvez o hamlético protagonista aja em demasia com o saber de tempos futuros, com a mentalidade dos séculos do Iluminismo, mas o tema não deixa de ser original num filme deste tipo.

Outro elemento que não pode ser deixado de lado é o choque causado pelo cristianismo imposto por forças exteriores a populações que mantêm as suas tradições pagãs (conservam cuidadosamente os ritos dos druidas). Mas isto é apenas esboçado.

Charlton Heston está sólido e ferroso como a sua armadura, mas com alguma variedade de expressão; Richard Boone, o seu braço direito, foi talhado em pedra. Interessante presença de Rosemary Forsyth, no papel da jovem que provoca a crise, uma beleza fresca, que já tínhamos visto em **Shenandoah**, de Andrew McLaglen, cheia de água e sabão.

*Cineforum*